



EDITORIAL

Transformação Social, Tecnologia e Saúde

Social Change, technology and health

Maria Tereza Leopardi

Professora efetiva da Universidade do Vale do Itajaí
Doutorado em Ciência da Enfermagem pela Universidade de São Paulo
Mestrado Em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina
Especialização em Especialização Em Enfermagem do Trabalho
Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Ciências da Saúde.

Rua Uruguai, 458

Centro

88302-202 - Itajai, SC - Brasil

Telefone: (47) 33417500

mtl@soldasoft.com.br

Convidada a apresentar esta revista através deste editorial, não poderia iniciar sem antes dizer da importância de sua apresentação ao público, como meio de buscar formas de transformação social, com a qual estamos engajados de inúmeras maneiras. Estamos diante de um grande desafio na busca de soluções para os problemas de saúde no Brasil. Ao pensarmos sobre isto, temos clareza da complexidade dos fatores que enredam os processos de práticas e que se clama por modos de cuidar sustentados pelos novos modos de pensar a saúde.

Temos diante de nós situações incontestáveis, em que percebemos as enormes mudanças em nosso cotidiano. Por primeiro, o espaço e o tempo mudaram! A população brasileira cresce ainda, grandes conglomerados industriais e comerciais ocupam territórios virgens, aumentam a poluição em todos os sentidos, a expropriação

da força de trabalho, precarizando enormemente o processo produtivo e de serviços.

De certo modo, estamos vivenciando as dores do parto da globalização informatizada, tecnificada e intransigente! De regra, as pessoas assistem a tudo, sem tempo, sem condição para exercer sua capacidade crítica, dada a velocidade com que as 'coisas' mudam.

Na produção de bens sociais, ainda encontramos a armadilha do incentivo ao consumo e, no caso da saúde, à medicalização, à qual as pessoas ainda se submetem buscando diagnóstico e terapêutica interventiva. Muitos não se conformam em sair de um consultório sem uma receita e inúmeros exames laboratoriais e de imagem, que talvez sejam desnecessários, mas que cumprem seu destino ideologicamente alinhado com o caráter biologicista e individualista do pensamento.

O barco da saúde está em perigo, produto da economia de mercado, que inventa a cada dia uma criação que promete resolver algum mal. Entendemos que as tecnologias de produtos e as pesquisas farmacêuticas sejam importantes para melhor tratamento de doenças sabidamente bio-fisiológicas, mas não param por aí os sofrimentos com os quais convivemos.

Embora o Sistema único de Saúde (SUS) tenha como premissas conceitos que advertem para a necessidade de novas formas de produzir cuidados, não encontramos respaldo para rearranjos no processo de trabalho que nos permitam maior aproximação com a integralidade, universalidade, equidade, igualdade da assistência e participação comunitária prometidas.

Aprendemos muito rapidamente a escolher palavras que denotam um novo conceito de saúde, que pairam numa esfera ideal, como um dever-ser que não se concretiza.

Estamos, talvez, ainda, vivendo o processo de assimilação conceitual, para o que não encontramos no sistema vigente correspondente modo de fazer. Aliás, se a ideologia dominante ainda preconiza a produção tecnológica *dura*, com vistas à sua utilidade interventiva, não poderíamos esperar outra coisa.

Contudo, carecemos de meios diferenciados, para dar conta da concepção ampliada de saúde, que abraça qualidade de vida, bem-estar, consciência de si e de suas capacidades de autocuidado, e, mais fundamental, consciência de direito a esta atenção ampla e resolutiva prometida.

Assim, há um *nó górdio* que precisamos desatar, e acredito que precisamos travar a mesma luta que as ciências sociais tiveram que enfrentar para que fossem acolhidas na academia em pé de igualdade com as ciências naturais. Ou seja, precisamos intensificar a argumentação necessária para que as Tecnologias Sociais sejam admitidas no mundo político, acadêmico e institucional, como instrumentos necessários ao desenvolvimento de atividades, que pelo menos tangenciem as premissas do SUS, abrindo novas

possibilidades de práticas interdisciplinares, cuja finalidade seja a mesma para todos os profissionais envolvidos e especialmente para o portador das necessidades de saúde.

Neste número da Revista Saúde e Transformação Social foi apresentado um conceito radical de tecnologia social, que sinaliza para a necessidade de se instituir a sua apresentação e registro em repositórios governamentais, para acesso livre de pagamento, para aplicação nas mais diversas condições de sofrimento, de gestão, de abordagem terapêutica, de educação, e assim por diante.

Encontramos posições que apontam a Tecnologia Social como forma de resistência a tudo o que inibe a autonomia humana, sua importância na produção em Mestrados Profissionais, assim como para dar conta de muitas das diretrizes políticas do Sistema Único de Saúde.

Outra preocupação que alguns autores apresentam é com a formação dos profissionais e com as exigências de preparo, de acordo com teorias que admitem múltiplas possibilidades da inteligência, para além da racionalidade, o que parece ser bastante oportuno, porque ao aceitarmos, por exemplo, a integralidade como fundamento para a avaliação da saúde, teremos que considerar a necessidade de novas habilidades que não somente as procedurais.

Também são apresentadas reflexões sobre educação em saúde, entendendo a necessidade de produção de Tecnologias adequadas para este trabalho na saúde, considerando que, ao se trabalhar com pessoas, deve-se preconizar sua emancipação, de modo que possam vivenciar plenamente sua cidadania.

No bojo das definições de Tecnologia Social está o reconhecimento das possibilidades terapêuticas, sejam elas com instrumentos materiais ou processuais. *Em outras palavras, a ação terapêutica deve ter objeto e finalidades 'compreendidos', para o planejamento adequado às necessidades, com a utilização de meios também adequados, a partir da visão de integralidade e interdisciplinaridade.*

Fluxogramas, diagramas, modelos de atividades individuais e grupais, diagnósticas, avaliativas, assim como sistemas organizacionais, educacionais e de suporte, são exemplos de tecnologias sociais, comumente utilizadas nas áreas sociais, como saúde, educação e ciências humanas, sociais e políticas. Esta definição é apresentada na filosofia de um Mestrado Profissional (UNIVALI-SC), cujos docentes compreenderam a necessidade de tipificar adequadamente a sua produção nos trabalhos de conclusão, em que se aceita, além de pesquisas originais, a indicação de novas tecnologias de processo.

Assim, neste número são apresentados artigos e proposições de Tecnologias Sociais, como instrumentos que, inseridos no processo de trabalho em saúde, podem organizar, apresentar fluxos de ação e permitir a avaliação dos resultados, que podem ser, no futuro, uma excelente material para avaliação da resolutividade do SUS. Defende-se o Registro de Tecnologias Sociais em formulários que apresentam Preâmbulo, Relatório Descritivo, Figuras e Reivindicações, esclarecendo em que a proposta atende problemas que outras tecnologias não concebem, sejam como criações ou como inovações.

Não podemos deixar de apontar a novidade desta proposição para a ruptura do *status quo*, pela possibilidade de reestruturação do trabalho, cuja finalidade precípua será sempre o acompanhamento de famílias em seu 'nicho' territorial, buscando o máximo bem-estar possível, na sua condição de ser humano, cuja dignidade deve ser admitida como princípio.

Cabe-nos, portanto, amadurecer estas ideias, testar as proposições, construir meios e oportunidades para que nosso trabalho não seja meramente produto de circunstâncias, mas sim de nossas decisões, coletivas e participativas, apesar de nossas resistências internas e daquelas externas, que comumente acabam sendo justificadoras de nossa in-ação.